

# PORTUGAL E AS TAPEÇARIAS FLAMENGAS

Por Roza Huylebrouck

Hoje em dia, nenhuma cidade portuguesa pode oferecer-nos uma colecção de tapeçarias flamengas comparável, por exemplo, às de Madrid ou Viena ou Cracóvia. Mas mesmo assim, vale bem a pena conhecer este património e saber o que houve, o que ainda há, onde se encontra e em que estado. Este artigo procura fazer uma síntese do que de mais importante se publicou em português sobre este assunto ao longo dos últimos cem anos. E entendemos neste contexto por tapeçaria: um pano para uso vertical, tecido à mão, onde o desenho é formado pelos fios da trama.

Talvez não seja supérfluo lembrar o uso diversificado das tapeçarias em tempos idos. Elas foram utilizadas para forrar as vastas paredes dos castelos, casas senhoriais, igrejas e conventos, onde serviam ao mesmo tempo como decoração e protecção contra o frio. Frequentemente estas armações foram completadas com toalhas de mesa, sobrecamas, sobrejanelas, sobreportas... Até se chegou a fazer nos enormes espaços divisões, por exemplo à volta da lareira, mediante conjuntos de tapeçarias que serviam de paredes polivalentes. Levadas pela corte nas suas inúmeras deslocações, pelos nobres em viagem, conferiam ao alojamento temporário a dignidade ou o aconchego desejados. O mesmo aconteceu nos navios. As tapeçarias aumentavam o brilho das celebrações religiosas e manifestações políticas onde muitas vezes, particularmente nas igrejas, tinham também um fim didáctico e moralizador. Em tempo de paz decoravam as fachadas e tribunas nas festas mais variadas. Em tempo de guerra, os nobres tinham tapeçarias dentro e fora das tendas: as primeiras para maior conforto, as outras como meio de identificação. Não faltavam no enxoval das damas da alta sociedade e foram presentes muito apreciados,

tendo até funcionado como dádivas reais nas viagens históricas dos portugueses.

As tapeçarias de qualidade — nem tudo era do mesmo nível — saíam caríssimas, devido aos materiais utilizados, que ao longo do tempo se tornaram cada vez mais preciosos, ao salário dos autores de projectos e cartões, que chegaram a ser pintores de grande fama, ao trabalho extremamente demorado de tecelões qualificados e especializados, aos lucros de intermediários de vária ordem, aos custos de transporte e seguro e às taxas e impostos levantados. Desta maneira tornaram-se privilégio das classes abastadas mas ao mesmo tempo ganha-pão para inúmeros artífices e comerciantes durante quase quatro séculos nos Países Baixos Meridionais: a Bélgica e o Norte da França de hoje. Os esplendores e vicissitudes desta indústria de arte, a mais característica e importante do séc. XIV ao séc. XVIII, têm sido intensamente estudados nas últimas décadas, entre outros por J. Duverger e R.-A. d'Hulst, cujo livro monumental nos tem sido muito útil \*..

Não é preciso ser especialista para encontrar no passado português exemplos da existência e do uso múltiplo de tapeçarias. Qualquer pessoa minimamente interessada na história, ou simplesmente atenta, encontra indícios a par e passo. Os testamentos, inventários, crónicas, cartas, contas da altura abundam de referências. Folheando, por exemplo, as «Saudades da Terra» de Gaspar Frutuoso, lemos que D. Manuel de Noronha, bispo de Lamego, que «viveu com grande conta, peso e medida», deixou por testamento à Sé a sua tapeçaria «com que toda se arma pelas festas»; que em 1582 D. António, Prior do Crato, é festejado na Ilha Terceira e «no mesmo dia em que correu a cidade, todas as ruas estavam juncadas e as suas casas caiadas, e postos nas janelas muitos panos de seda e tapeçaria, de várias sortes e cores»; que D. Violante do Canto da Silva, levada de barco para Castela, «se agasalhou na câmara de popa, que pêra isso estava armada com panos que o mesmo marquês e Dom Lopo Ihe tinham mandado, que de suas tapeçarias nada Ihe ficara»<sup>2</sup>.

---

1 D'HULST, R.A. — *Tapisseries Flamandes du XIVe au XVIIIe siècle*, Bruxelles, Edition Arcade, 1972. (Ia, 1971). Avant-propos de H. Liebaers et J. Duverger.

2 FRUTUOSO, Gaspar — *Livro Segundo das Saudades da Terra*, Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1968, p. 237.

IDEM, *Livro Sexto das Saudades da Terra*, Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1963, p. 169 e p. 215.

As referências mais espetaculares, todavia, já foram reunidas pelos autores mais antigos, cada um completando os dados do seu predecessor<sup>3</sup>. Encontrámos uma boa antologia numa publicação de Sousa Viterbo<sup>4</sup>, a quem poucos sectores da vida cultural portuguesa escaparam. Tirámos dela os exemplos que se seguem, organizando-os no entanto em ordem cronológica e completando-os uma ou outra vez com elementos de Joaquim Vasconcelos ou de Luís Keil<sup>5</sup>. O leitor interessado encontrará nos dois primeiros mais pormenores e as várias fontes utilizadas, enquanto que o último não indica bibliografia.

Desenrolando a história das tapeçarias flamengas em Portugal, focamos ao mesmo tempo dois séculos e meio da história portuguesa:

Em 1483 D. Fernando, duque de Bragança, é julgado e condenado em Évora por traição. A sala está armada de tapeçarias, representando a *Justiça de Trajano* e o *Juízo Final*. De acordo com Keil esta última estaria agora no Museu de Worcester nos Estados Unidos.

Quando Vasco da Gama aporta em 1498 a Melinde, na costa oriental da África, presenteia o rei local «com um pano de armar de figuras com fio d'ouro muy rico». Este deseja visitar as naus e no dia combinado estão consertadas, limpas e toldadas «com panos de Frandes de figuras». O rei vai ver os aposentos dos capitães e, quando volta, encontra a mesa posta e ornada com «toalhas de Frandes fermosas».

O mesmo acontece em 1505 com o vice-rei D. Francisco de Almeida em Cananor na Índia. A embaixada do rei de Bisnagá visita a nau do comandante e «a tolda estava armada com panos de Frandes».

Na magnífica dádiva que D. Manuel manda para Preste João em 1515 não faltam paramentos de cama, almofadas e panos de raz, e.o. um com a Virgem Maria, tecido em lã, seda e ouro. Infelizmente esta embaixada parece nunca ter chegado ao seu

---

<sup>3</sup> VASCONCELOS, Joaquim de — *Os panos de raz em Portugal*, «Revista de Guimarães», Guimarães, Vol. XVII, No 3, Julho de 1900, p. 117-119.

<sup>4</sup> VITERBO, SOUSA — *Artes e Artistas em Portugal, IV Tapeçarias*, Lisboa, Ferim, 1920, p. 70-114. (1.<sup>a</sup> ed. 1892).

<sup>5</sup> KEIL, Luís — *Tapisseries de Flandre au Portugal pendant les XV<sup>e</sup> et XVI<sup>e</sup> siècles*, em *Miscellanea Léo van Puyvelde*, Bruxelles, Éditions de la Connaissance, 1949, p. 309-311.

destino. Mas quando, cinco anos mais tarde, se improvisa outra a partir do Oriente com coisas de valor que se acham na armada, vão também «dous pannos de Frandes de figuras de Frandes».

De Garcia de Resende sabemos que o casamento de D. Beatriz, filha do Venturoso, foi festejado em 1521 com o maior brilho. A nau que a leva para Itália está armada e toldada de sedas, veludos e tapeçarias. O rei oferece-lhe a *História de Absalão*, a *História de Assuero* e a *História de Helena*,

Em 1537 D. João III manda ao rei de Cambaia, a *História de Eneas*, seguindo nisso o conselho do Conde de Castanheira, que achou este assunto mais adequado do que representações do papa com os cardeais ou os profetas. Aliás, tais presentes nem sempre deram o resultado desejado, como descobriu D. Jorge de Meneses em 1526 na ilha de Bornéu. Interessado num tratado de comércio ele oferece ao rei uma preciosa tapeçaria. Mas quando o papua vê as figuras desenroladas apanha um susto tal que, pensando em feitiçaria, já não quer saber de nada.

Quando D. João III decide organizar um brilhante torneio para o filho herdeiro de quinze anos, é levantada em Xabregas «uma varanda mais alta que os eirados, em extremo sumptuosa, toldada e armada de rica tapeçaria».

L. Keil escreve que estatísticas do ano 1551 mencionam o montante de 40.000 cruzados como sendo o valor médio das tapeçarias anualmente importadas da Flandres e que houve em Lisboa três oficinas especializadas em restaurar estragos<sup>6</sup>.

Em 1565 festeja-se em Lisboa o casamento de D. Maria com Alexandre Farnésio. Com alguma ostentação destaca-se a «nação» flamenga «que construiu para si uma casa que parecia um palácio toda paramentada de riquíssimas tapeçarias». O que mais chamou a atenção foi o uso de toalhas «finamente lavradas com figuras e representações de histórias antigas».

Durante o reinado de D. Sebastião, em 1571, efectua-se a visita do legado papal Alexandrino a Portugal, onde é recebido com grande pompa. No barco real que vai ao seu encontro está «tudo defronte forrado de finos panos de Flandres. «O jovem rei leva-o das margens do Tejo através da cidade festiva para o palácio e diz o cronista: «Estavam as ditas ruas adornadas todas de finos

---

\*' Documento mencionado na entrada *Tapeçaria*, Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. 30, p. 687-694.

panos de Flandres e de outras qualidades [...] Não se via vão de tamanho d'um dedo, que não estivesse coberto de tapetes e panos».

Nas cerimónias de 1581 em Tomar, quando Filipe II se torna rei de Portugal, encontramos «tapicerias de oro y seda de mucho valor e estima, seys panos, três de cada parte de Ia. tapiceria *jornada de Tunez*, que es muy preciada y por el patron de su dibuxo muy conocida. En Ia frente y lados, otros ricos y luzidos panos de diversas hystorias, no menos para estimar, por su fineza, oro y seda, y colores».

Quando Filipe III entra em Lisboa em 1619, escreve uma testemunha que as ruas estavam decoradas «a Ias mil maravillas, cõ damascos, brocados y ricas telas».

Em 1622 organizam-se em Coimbra grandes festas na ocasião da canonização de Ignácio de Loyola e Francisco Xavier. O duque de Caminha empresta as suas tapeçarias para ornar a igreja «pelas haver mui excellentes na antiga casa dos Marquezes de Villa Real». Vêm citados panos de ouro e seda, de figuras, representando a *História de Tróia*.

Na altura da canonização da mística italiana, Maria de Pazzi, em 1669, é a igreja do Carmo em Lisboa que fica engalanada. Na capela-mor encontram-se dois panos tecidos a ouro e seda, do tesouro real, representando a *Prudência* e a *Justiça*; no cruzeiro estão as mais finas tapeçarias «que sahiram de Arras».

Quando os carmelitas de Lisboa festejam a canonização de S. João da Cruz, não só as paredes mas também o tecto estão forrados. Fazem parte da decoração panos do Cardeal da Cunha, além de outros do cardeal de Sousa, representando *O Triunfo da Cruz*.

O Pe. João Chevalier, um português que mais tarde veio a ser bibliotecário em Bruxelas, descreve as festas em honra de S. Camilo de Lellis na desaparecida igreja de Todos os Santos em Lisboa, destacando «riquíssimas tapeçarias do Real Thesouro, a que vulgarmente chamão pannos de Raz, os quaes formavão com a viveza das suas cores, e bom dibuxo, outros tantos vistosos painéis».

Frequentemente as casas nobres emprestam armações para solenidades, mas não raras vezes conventos e igrejas possuem as suas próprias tapeçarias. O arcebispo de Lisboa, D. Fernando de Vasconcelos (séc. XVI) legou à Sé 4.000 cruzados para a compra de seis panos para o cruzeiro. D. Manuel ofereceu a Santa Cruz de

Coimbra uma tapeçaria representando a *História de Saul*. O bispo D. Jorge de Almeida, séc. XV-XVI, doou à Sé de Coimbra um pano com a *História do Credo*, outro com a *Samaritana*, um com a *Descida da Cruz* e três com a *História de Tróia*. A condessa de Abrantes, sua mãe, ofereceu um pano com a *História de José*. Em 1600, D. Afonso de Castelo Branco, prelado, doou aos jesuítas de Coimbra doze panos de armar. A Sé do Porto parece ter possuído o *Triunfo da Cruz* e nove peças da *História de Tróia*.

Pessoas com menos meios podiam recorrer a casas de aluquer. Assim citam-se na Lisboa do início do séc. XVII duas casas: a primeira tinha uma trintena de panos de raz à disposição, a segunda à volta de cinquenta.

Entre as casas fidalgas, possuidoras de tapeçarias, destacou-se em primeiro lugar a Casa de Bragança. A sua colecção, que ornava os paços de Vila Viçosa, podia competir com a da casa real. Em 1633 casa-se D. João de Bragança com D. Luísa de Gusmão. Dois autores, Figueiroa e Galhegos, descrevem estas festas, dedicando muita atenção às tapeçarias. Encontramos mencionadas: *Os Triunfos das Virtudes*; as *Guerras dos Romanos*; as *Vitórias do Condestável*; os *Planetas*; as *Vitórias de Aníbal*; a *História de Alexandre*; os *Meses*; os *Trabalhos de Hércules*; as *Vitórias de César*; *Verduras*; a *Rainha de Soba*; *Rei e Rainha Velha*. Quando chega a altura da Restauração e o duque de Bragança se torna rei de Portugal (João IV) a maior parte destas tapeçarias vão para Lisboa, aumentando assim o já existente tesouro real. São vistas por cronistas, que mencionam ainda por cima a *História de Barsabé*, de *José*, de *Tobias*, da *Rainha Artemisa*, de *Eneas* e a *Conquista de Tunis*.

Joaquim de Vasconcelos, apoiando-se num inventário dos meados do séc. XVII, um códice da Biblioteca Nacional, e em quatro crónicas, datando sensivelmente da mesma altura, calcula que a Casa de Bragança possuía umas 53 séries de tapeçarias, equivalendo a quase quatrocentas peças, espalhadas pelo tesouro e pelos vários paços<sup>7</sup>.

Na verdade pode-se argumentar, como aliás tem sido feito, que nem todas eram tapeçarias no sentido actual do termo e que as tapeçarias mencionadas nem sempre eram flamengas — como também não o eram todas as peças fazendo parte do inventário

---

7 Art cit. na nota 3.

real de 1505<sup>8</sup>. A designação «panos de Arras», derivada de um dos centros mais antigos e importantes de tapeçaria na Flandres, chegou a perder o seu significado original, tornando-se «panos de raz ou ras» e até simplesmente «razes ou rases», alargando assim consideravelmente o seu significado. No Sul da Europa em geral, e em Portugal em particular, o nome generalizou-se a antigas tapeçarias tecidas, originando assim designações curiosas como «panno de Arras Daubusson»!

Todavia, baseando-nos em documentos existentes, no estilo de exemplares conservados e nas relações muito estreitas da referida época, podemos presumir que boa parte destas tapeçarias eram mesmo flamengas. Claro que utilizamos aqui «flamengo» num sentido muito amplo, como era costume naqueles tempos. De acordo com o especialista J. Duverger não há inconveniente em continuar a utilizar esta designação antiga e popular, por causa de centros como Arras e Tournai estarem intimamente ligados à história e arte flamengo-brabantinas.

Reavivemos rapidamente as relações intensivas entre Portugal e Flandres nos séc. XV e XVI, não esquecendo porém o seu prólogo importante na época das cruzadas, quando «flamengos» a caminho da Terra Santa se juntaram aos portugueses na altura da Reconquista. Neste contexto se insere o casamento de Matilde, filha de Afonso Henriques, com Filipe de Alsácia, Conde de Flandres; a própria princesa contribuiu depois para o casamento do Infante D. Fernando com a herdeira de Flandres, Joana de Constantinopla. (Aliás, foi na época das cruzadas que os nobres da Europa, mediante o contacto com a vida mais requintada do Oriente, começaram a ganhar o gosto das tapeçarias!). A protecção dos soberanos vai influenciar positivamente o intercâmbio comercial dos portugueses com Bruges, entreposto da Hansa, originando aí uma feitoria importante. (E era pelo porto de Bruges que na altura se exportavam a maior parte das tapeçarias). Filipe-o-Bom casou com a inteligente e dinâmica Isabel, filha de D. João I, mãe de Carlos-o-Temerário. (A predilecção dos Duques de Borgonha pelas tapeçarias flamengas é lendária. Isabel mesma compra a um negociante em Bruges uma bonita armação com peças afins

<sup>8</sup> *Inventário de Armas e Tapeçarias Reais, Ano de 1505*, A.N.T.T., N.A., N.º 756. Public, por João Martins da Silva Marques, Congresso do Mundo Português (III Congresso) — V, t. III, p. 555-605.

para o seu sobrinho João, filho do malogrado D. Pedro, quando

ele se casa com a herdeira de Chipre. O célebre «Cavaleiro do Cisne» dos Duques chegou mesmo a inspirar um traje de João II nas festas de casamento do príncipe herdeiro D. Afonso em 1491 <sup>9</sup>.) Quando as relações entre Maximiliano da Áustria e a cidade de Bruges se deterioraram até o soberano ficar preso pelos brugenses, a corte portuguesa pôs luto. (No palácio real tiraram-se as tapeçarias e não houve música até chegar a notícia de sua libertação <sup>10</sup>.) Nos fins do séc. XV a feitoria portuguesa era das primeiras a deslocar-se para Antuérpia, que se tornou placa giratória do comércio internacional. (E Antuérpia possuía o seu célebre «Tapisierspand», onde durante quase dois séculos tapeçarias foram expostas e vendidas. Nas cartas dos feitores encontram-se várias referências a compras de tapeçarias e produtos afins para D. Manuel: Tournai vem algumas vezes mencionado a propósito de Verduras, e encontra-se uma referência explícita a um pano com ouro da *História de Vespasiano*. Mas que pena não se saber o tema das dez peças, mandadas fazer enquanto Álvaro Vaz era feitor, mas entregues a João Brandão e pagas por Jerónimo Francobalde sobre a conta da malaqueta em 1509! <sup>11</sup>) O humanista Pamião de Gois, que mais tarde se tornou amigo de Erasmo, trabalhou em Antuérpia e estudou em Lovaina. (Ele próprio encomendou tapeçarias para D. João III, nomeadamente *Os Meses* <sup>12</sup>.) Quando a feitoria de Antuérpia encerra em meados do séc. XVI e Portugal vem mais tarde a ser governado pelos reis de Espanha, as relações luso-belgas diminuem mas não cessam. Assim sabe-se que tapeçarias como a *História de Aníbal* e a *História de José* ainda vieram para Portugal no séc. XVII<sup>13</sup>. Em 1679 encontrava-se em Lisboa, na posse dos mercadores Henri de Moor e Jacques van

---

<sup>9</sup> MORAIS, A. Faria de—*Les Tapisseries de D. João de Castro*, Livraria Bertrand, 1956, Tirage à part du «Bulletin des Études Portugaises», Lisboa, t. XIX, p. 19 ep. 21.

N> MARQUES, A. H. de OLIVEIRA — *A Sociedade medieval portuguesa; aspectos da vida quotidiana*, Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1974 (3.<sup>a</sup> ed.), p. 216.

\*\* FREIRE, Anselmo BRAAMCAMP — *Notícias da Feitoria de Flandres*, Lisboa, Arquivo Histórico Português, 1920 (1.<sup>a</sup> ed. 1908) p. 119-127.

<sup>12</sup> BELL, F.G. Aubrey — *Um humanista português, Damfão de Gois*. Trad. do inglês por António Álvaro Dória, seguida das Cartas Portuguesas, Lisboa, Edições Ocidente, Estudos Diversos, Série A, 1942, p. 59 e 60.

<sup>13</sup> BRONNE, Cario — *Le Grand Siecle du Portugal et de la Bourgogne*, Coimbra Editora, 1951, p. 22.

**Praet**, a armação de *Eneas e Dido* da oficina dos Wauters<sup>1\*</sup>. Até na primeira metade do séc. XVIII se fizeram encomendas portuguesas: D. João V, graças ao ouro e aos diamantes do Brasil, compra em Antuérpia o carrilhão para Mafra e manda tecer em Bruxelas, por intermédio de D. Luís da Cunha, várias séries de tapeçarias como *As Funções Militares*; a *História de Aquiles*; *SL História de Telémaco*; assuntos da *História Sagrada*. Vão também reposteiros e finalmente um magnífico trono com dossel, que veio a ser admirado pela governante Maria Isabel, irmã da rainha de Portugal. Se as referências às tapeçarias mais antigas costumam ser breves e pouco precisas, encontramos agora na correspondência trocada e conservada na Torre do Tombo todos os dados: assuntos, medidas, prazos, origem dos cartões, tapeceiros... Surgem os nomes mais afamados da época, principalmente Leyniers, porque EL R.N.S. «não se contentava do bom senão do melhor»<sup>15</sup>.

Mas afinal, o que nos resta agora destas riquezas todas? Relativamente pouco! Mas isso compreende-se. As tapeçarias eram mais vulneráveis do que certas outras formas de arte, por causa do material usado, deteriorando com o pó, a humidade, a luz, a traça e os ratos. O manusear frequente e o transporte em baús também as prejudica. Muitas foram as tapeçarias que saíram do país, quer como dádiva real, quer como dote das princesas. Outras foram vendidas. Durante 60 anos, de 1580 a 1640, Portugal viveu debaixo do domínio espanhol. O terramoto de 1755, com epicentro em Lisboa, seguido dum incêndio devastador, destruiu a maior parte dos tesouros acumulados na capital. Depois vieram as invasões francesas. A corte refugiou-se no Rio de Janeiro. Entretanto a sociedade tinha mudado: prevalecem agora outra arquitectura, outros tipos de decoração e revestimentos de parede. As tapeçarias chegaram a não ser apreciadas nem cuidadas. São cortadas para forrar paredes em salas mais pequenas e servirem de carpetes. Apodrecem em paços em ruínas ou em anexos.

O leitor português, porém, não se deve afligir demasiado com o quadro negro que acabámos de traçar: trata-se de uma variante nacional do que se passou noutros países da Europa. Sabe-se, por

---

<sup>14</sup> MENDONÇA, Maria José de — *Inventário de tapeçarias existentes em museus e palácios nacionais*, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, 1983, p. 20.

<sup>15</sup> «Boletim da Academia Nacional de Belas Artes», Lisboa, II Documentos, 1936, p. VIII— XII ep. 94-101.

exemplo, que na Inglaterra, em meados do séc. XVII, Oliver Cromwell ordenou a venda pública de muitas tapeçarias e outros bens pertencentes a palácios reais; que tapeçarias extremamente valiosas foram queimadas na França, depois da revolução, como protesto contra o antigo regime e para recuperar o ouro e a prata; que a História dos Santos Piat e Eleutério serviu na Bélgica para tapar fendas numa cavalaria<sup>16</sup>.

Se, porém, esta consolação é negativa, existe também uma muito positiva: a azulejaria portuguesa que, a partir dos meados do séc. XVII, começou a ornar de composições historiadas monumentais as paredes de palácios, casas senhoriais, igrejas e conventos. Um dos primeiros a chamar a atenção para afinidades entre a tapeçaria e os quadros de azulejos daquela altura, parece ter sido J. de Vasconcelos, que — no seu estilo lapidar tão característico — afirma que eram «habilíssimas imitações de panos de raz em barro cozido e vidrado». Efectivamente, quem conhece a azulejaria do Norte de Portugal, nos muitos locais de Braga por exemplo, não pode negar uma certa influência.

Apesar de ter havido algumas notícias e referências mais antigas, assiste-se essencialmente desde o último quartel do séc. XIX a um lento renascer do interesse pelas tapeçarias antigas em Portugal. Parece-me ter tido um papel importante a «Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola» que se organizou em Lisboa em 1882, em seguimento da exposição do mesmo nome em Londres<sup>17</sup>. Aí figuram várias tapeçarias antigas e não me parece pura coincidência que pouco depois se escrevam alguns artigos importantes.

É interessante mas não surpreendente o facto de que este interesse se dirija em primeiro lugar para as séries inspiradas pela história nacional. Deve ter havido pelo menos quatro ou cinco temas: As Vitórias do Condestável Nuno Álvares Pereira. As Vitórias de D. Afonso V na África do Norte. A Conquista de Azamor (?). Os Descobrimentos. A Vitória de Tunis<sup>18</sup>.

Ficaram-nos demasiados testemunhos para podermos duvi-

---

<sup>16</sup> Obra cit. na nota \*, p. IX.

<sup>17</sup> *Catálogo Ilustrado da Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola celebrada em Lisboa em 1882* [...], Lisboa, Imprensa Nacional, 1882.

<sup>18</sup> SANTOS, Reinaldo dos — *As tapeçarias da tomada de Arzila*, Lisboa, 1925, p. 72-74.

dar da existência de tapeçarias «de ouro, prata e seda, lavradas de figuras representando uma *vitória ganha por Nun\*Alvares*, condestável de Portugal, contra os castelhanos». Deve tratar-se da célebre batalha de Aljubarrota de 1385, onde as forças portuguesas vitoriosas asseguraram a independência nacional. As tais tapeçarias são mencionadas em Vila Viçosa em 1571 e 1633. Em 1669 encontram-se em Lisboa: «de grandíssima estimacion, por Io perfecto de Io Historiado que es una admiracion; que es un pasmo: tiene mas oro, que seda, y las figuras tan ai natural, que no tuvo mas que obrar el Arte; guardapuertas, y sobreventanas en todo eran las mismas», nota Diego de Villegas entusiasticamente. De acordo com Matos Sequeira foram oferecidas ao Imperador da China por João V.

Também as vitórias de Afonso V na costa marroquina em 1471 foram tecidas em tapeçarias. No séc. XVII Faria e Sousa escreveu tê-las visto muitas vezes na Casa do Infantado em Castela. Em Portugal, porém, chegou-se a pensar que estivessem definitivamente perdidas, até José de Figueiredo e Reinaldo dos Santos, seguindo uma indicação do director do Museu de Arte Antiga em Madrid, as identificarem em Pastrana (Castela) durante a primeira guerra mundial. Escurecidas e mutiladas estavam penduradas na Colegiada. Logo a seguir José de Figueiredo comunicou a descoberta à Academia de Ciências de Lisboa, atribuindo os cartões a Nuno Gonçalves<sup>19</sup>.

Em 1925 Reinaldo dos Santos dedicou-lhes uma extensa monografia com fotografias tiradas em condições difíceis e com desenhos de Jorge Cid<sup>20</sup>. O autor enaltece o conjunto como sendo «documento de náutica, museu de armaria, galeria de retratos e página viva de crónica da vida medieval portuguesa» — aspectos que em seguida foram estudados por vários autores. Ele atribui as tapeçarias aos teares de Tournai no período áureo de Pasquier Grenier.

As três tapeçarias, cada uma com as dimensões de aproximadamente 10mx4m, representam respectivamente: *o Desembarque em Arzila*, *O Cerco e O Assalto*. Estes panos monumentais patenteiam o «horror vacui» da época, tendo um carácter narrativo e muito pouca perspectiva.

---

<sup>19</sup> Comunicação em 9 de Dezembro de 1915.

<sup>20</sup> Obra cit. na notai<sup>8</sup>.

Mas como é que foram para Espanha ? O já citado Faria e Sousa afirma que foram «dádiva deste excelente príncipe [D. Afonso V] ao senhor daquele Estado [do Infantado]». Levado por um patriotismo que nos parece excessivo, R. dos Santos rejeita esta explicação, argumentando que nenhum rei português era capaz de alienar panos desta importância histórica. Na tese do autor eles «expatriaram-se» no tempo dos Filipes. A sua saída estaria ligada à figura de Rui Gomes da Silva, originário duma família nobre portuguesa, que foi educado na corte de Carlos V e se tornou amigo do jovem Filipe II. Um seu filho, o prelado D. Pedro, que fez da Colegiada de Pastrana o panteão dos Silvas, tê-las-ia conseguido graças às suas boas relações com a corte espanhola.

Numa dependência da Colegiada encontravam-se mais duas tapeçarias, mas como R. dos Santos não viu nelas nem Afonso V, nem o príncipe, nem os escudos, emblemas e estandartes de Portugal, não as relacionou com a referida série. Mais tarde, todavia, achou que as tais duas peças formavam uma só tapeçaria e que se tratava da *Conquista de Tânger*. Quando os Mouros souberam da tomada de Arzila, deixaram em pânico a cidade e bastou uma pequena expedição para ocupar esta praça tão importante<sup>21</sup>.

Parte da argumentação de R. dos Santos foi atacada por Afonso de Dornelas que replicou que o próprio Afonso V ofereceu estas tapeçarias ao 2.º Marquês de Santilhana. O rei português, que aspirou ao trono de Castela, esforçou-se por conseguir o apoio deste poderoso nobre espanhol. Os panos ficaram no palácio de Guadalajara, no solar dos duques do Infantado (como escreveu Faria e Sousa) até passarem para Pastrana, pelo casamento da herdeira com o 4.º duque deste nome. Foram depois temporariamente cedidos à Colegiada, como consta dos documentos preservados, onde ficaram por ter morrido a última dona do palácio<sup>22</sup>. A. de Dornelas discorda parcialmente das identificações feitas por R. dos Santos e acha possível que fossem tecidos em Espanha, onde trabalhavam mestres flamengos. Até chegou a duvidar de sua própria tese de oferta por Afonso V, alegando que mais de

---

<sup>21</sup> SANTOS, Reinaldo dos — *A tapeçaria de Tânger*, «Lusitânia», Lisboa, fase. X, Vol. IV, Out. de 1927, p. 155-162.

<sup>22</sup> DORNELAS Afonso de — *As tapeçarias de D. Afonso V foram para Castela por oferta deste Rei*, comunicação feita em 19 de Abril de 1926 na Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa 1926»

quarenta metros quadrados deste tipo de tapeçaria levavam muitos anos a serem acabados e Afonso V morreu em 1481.

Estas tapeçarias foram vivamente debatidas durante vários anos no seio da Academia das Ciências, mas também fora dela — em conferências e artigos de vária ordem <sup>23</sup>. Destacamos ainda destes contributos o parecer de José de Figueiredo em 1930 acerca da «segunda descoberta»: o quarto pano nada tem com a série de Arzila, nem como «atelier», nem como época, nem como desenho. Provém antes duma manufactura de Bruxelas e é obra do primeiro, senão segundo decénio do séc. XVI, sendo autor dos seus cartões um artista flamengo.

Parece ainda não existirem conclusões definitivas e irrefutáveis acerca das «tapeçarias de Pastrana». Contudo ninguém duvida hoje em dia do seu grande valor artístico e histórico. As originais, devidamente restauradas, continuam em Espanha mas fizeram-se belas cópias, que foram adquiridas pelo Ministério das Finanças nos anos cinquenta. Agora estas ornamentam duma forma grandiosa vastas salas dos Paços dos duques em Guimarães: nomeadamente o Salão dos Passos Perdidos, o Salão dos Banquetes e o Salão Nobre.

Um terceiro tema da história portuguesa possivelmente versado em tapeçaria foi a *Tomada de Azamor*, também na costa marroquina. Mas como conhecemos neste momento uma só referência, ainda por cima pouco precisa (o inesgotável Venturino em Vila Viçosa em 1571) pisamos terreno inseguro. De qualquer maneira ficava no devido lugar, visto que foi D. Jaime de Bragança que liderou o assalto da praça em 1513. R. dos Santos presume que esta armação acabou por se tornar menos importante, por causa de Azamor ter sido definitivamente abandonado pelos portugueses a partir de 1541.

De longe o assunto mais popular, originando várias séries de tapeçarias, foi o «*das índias*», portanto *dos Descobrimentos*, que se traduz numa bibliografia mais abundante.

Em 1880 Graça Barreto publicou, em comemoração do terceiro centenário de Camões, um documento importante da Torre

---

<sup>23</sup> Para mais pormenores acerca desta polémica: «Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa», Lisboa, Vol. X, 1915-1916, p. 26-27. Vol. XX, 1926-1929, 1.<sup>a</sup> parte, p. 125-138; 2.<sup>a</sup> parte, p. 343-352, p. 357-359, p. 361-165.

«Boletim da Academia das Ciências de Lisboa», Nova Série, Coimbra, Vol. II, Jan. de 1930, p. 154-158.

do Tombo: o projecto de quase trinta tapeçarias «das índias», ditado pelo rei Manuel ao seu secretário António Carneiro. O começo da minuta reza «primeiramente em como ho almirante e seu irmão e nicolao coelho todos três se estando espedimdo de mym e tomamdo seu Regimento no tempo do primeiro descobrimento, e ysto em huu encasamento»... No verso do documento lê-se: «pêra os pannos que el Rey noso Senhor quer hordenar<sup>24</sup>».

Neste rascunho dos princípios do séc. XVI, obviamente ditado de memória, praticamente não há nomes de pessoas e nenhuma data. J. de Vasconcelos esforçou-se por dar aos «encasamentos» uma ordem cronológica, completando-os com nomes, datas e explicações, chamando ao projecto um compêndio histórico: Em primeiro lugar vem a viagem de Vasco da Gama e depois assuntos variados: assaltos, vitórias navais, coroações de reis indígenas, audiências solenes... Tudo com muita cor local: a fauna e flora, usos e costumes, trajes e armas da África e da índia<sup>25</sup>.

De acordo com Maria José de Mendonça podia-se agrupar as cenas projectadas, que representam a descoberta do caminho marítimo para a índia e as lutas travadas para a sua consolidação (1497-1510), desta maneira: as tapeçarias de Vasco da Gama; as do Vice Rei, D. Francisco de Almeida; as dos Capitães da índia (Lopo Soares, Tristão da Cunha, Afonso de Albuquerque); as das Feitorias e Fortalezas (Sofala, Moçambique, Cananor, Cochim) e as dos Usos da índia. A autora vê na palavra «encasamento» uma referência aos elementos arquitectónicos, usados como enquadramento de várias cenas nas tapeçarias flamengas até ao primeiro terço do séc. XVI<sup>26</sup>.

Apesar de pesquisas por vários investigadores em arquivos de Portugal, da Bélgica e do Norte da França, não se encontraram documentos que nos provem a concretização deste muito prestigioso projecto. Todavia, apoiando-se em várias testemunhas, os estudiosos acreditam unanimemente que pelo menos uma parte deve ter sido realizada. Barros comunica que, em dias importantes, a

---

<sup>24</sup> *A descoberta da índia ordenada em tapeçaria por mandado de JEL-Rei D. Manuel*. Documento inédito do séc. XVI, publicado em comemoração do terceiro centenário de Camões por J. A. da Graça Barreto, Coimbra, 1880.

<sup>25</sup> VASCONCELOS, Joaquim de — *A Pintura Portuguesa nos séc. XV e XVI*. Terceiro ensaio. «Arte», Coimbra, t.I, No 3, Jan. de 1896, p. 151-162.

<sup>26</sup> MENDONÇA, Maria José de — *As tapeçarias da índia*. Artigo escrito em Junho de 1972 para o «Diário de Notícias» e amavelmente cedido pela autora.

câmara de D. Manuel estava ornada de tapeçarias que «ele mandou fazer em memória do Descobrimento da Índia e do feito de Quiloa». Quando D. Maria, filha de João III, se casa em 1543, a sala grande do paço está armada com tapeçarias representando a conquista da Índia. Venturino vê em 1571 na capela do paço das Alcáçovas uma tapeçaria representando «ao natural el-rei D. Manuel, rodeado do conselho dos grandes quando resolveu mandar conquistar as Índias que hoje se chamam de Portugal». E qual a origem dos ornamentos nas cerimónias de juramento de Filipe II em Tomar: «muy ricas alhombrias, de sedas de vários colores, estremadamente vistosas, por ser su lauor de animales, y cosas viuas que llamã en Ia Índia de donde eran, Bichos, gallardamente matizadas»? Em 1597 o padre André Coutinho deixa ao seu amigo D. Miguel da Gama uns pãnos de raz «aonde as proezas dos Gamas estavam bem debuxadas». No fim do séc. XIX parece ainda ter havido em Mafra uma tapeçaria representando a chegada de Vasco da Gama a Calecut.

Por falta de dados mais concretos e explícitos não podemos dizer com certeza quais das tapeçarias mencionadas são tapeçarias históricas do projecto de D. Manuel, ou quais delas simplesmente exóticas e decorativas. Com efeito, desde os primeiros anos do séc. XVI, aparecem na Flandres, inicialmente em Tournai mas depois também noutros centros como Bruxelas, as *tapeçarias «a maneira de Portugal e da Índia»*, designação baseada no mais antigo documento encontrado. Existem referências a tapeceiros célebres como os Grenier, os Poissonier e Pieter van Aelst. Os clientes são pessoas de meios como Filipe-o-Belo, o imperador Maximiliano de Áustria, os magistrados de Tournai... Os descobrimentos portugueses fomentaram o exotismo na arte em geral e nas tapeçarias em particular.

M. J. de Mendonça juntou as referências históricas a este tipo de tapeçarias, indicou o paradeiro de exemplares ou fragmentos ainda existentes e mencionou leilões. Assim lemos que há ou houve espécies na colecção dos Marquises de Dreux-Brézé, no Museu Nacional de Estocolmo, no Museu de Artes Decorativas de Barcelona, no Museu Victoria and Albert em Londres, no Museu de Glasgow, na Colecção do Duque de Rutland, na Colecção de Mrs. Harold-Pratt e na Colecção Morgan. Todos estes

exemplares são variantes de três temas: Cortejo, Caçada e Desembarque<sup>27</sup>.

Hoje em dia podemos outra vez admirar tapeçarias «das índias» em Portugal: desde os anos cinquenta compraram-se vários espécimes. Um encontra-se na Fundação Ricardo Espírito Santo em Lisboa; outro, oferecido pela Companhia Colonial de Navegação, no Museu da Marinha em Lisboa; finalmente nada menos do que cinco no Museu de Caramulo. Assim Abel de Lacerda constituiu o maior núcleo destes panos actualmente existentes no mundo: quatro são propriedade do Museu (um por oferta do próprio fundador e três por oferta de companhias), estando o quinto, que se supõe relacionado com a chegada de Vasco da Gama à Índia, em depósito. Foram adquiridos na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos<sup>28</sup>. Ao contrário de certos autores MJ. de Mendonça acha inútil procurar identificar estas tapeçarias com aquelas do projecto publicado por Graça Barreto, visto que conhecemos os assuntos e sabemos que deviam abundar em símbolos quinhentistas de Portugal.

Já em 1921 o especialista sueco John Böttiger tinha dedicado um estudo pormenorizado a estas tapeçarias exóticas. No entanto, só em 1947 ficou conhecido em Portugal, quando apareceu traduzido na Revista de Guimarães<sup>29</sup>. Muito naturalmente o autor dedica uma atenção especial à tapeçaria do Museu Nacional de Estocolmo: um cortejo festivo. Ele não duvida da sua origem franco-flamenga e acha a cena parecida com as pantomimas representadas nos séc. XIV, XV e XVI em ocasiões de grande festa na Bélgica e no Norte da França — seja em recintos interiores, seja em plena rua. Assim exibiram-se, na recepção triunfal da Cidade de Gent a Filipe-o-Bom, em 1458, dezoito representações diferentes em palcos, nas ruas onde passava o cortejo, tendo uma delas um elefante artificial com negros armados. Nas festas de casamento de Carlos-

---

<sup>27</sup> Esboço dum artigo que parece não ter sido publicado e que foi amavelmente cedido pela autora.

<sup>28</sup> SANTOS, Luís REIS — *Portugueses na Índia. «Coloén» e as tapeçarias portuguesas do Museu do Caramulo*, «Diário de Notícias», Lisboa, 17 de Abril de 1957, p. 1-2.

<sup>29</sup> BÖTTIGER, John — *Uma tapeçaria de Vasco da Gama no Museu Nacional de Estocolmo*, «Revista de Guimarães», Guimarães, Vol. LVII, Nos 1-2, 1947, p. 7-38. Versão do Sueco por Francisco José de Sousa Mendes. Palavras prévias por Fide-lijnp de Figueiredo,

-o-Temerário em Bruges, no ano de 1467, apareceu durante o banquete um dromedário artificial montado por um mouro. Como argumento probatório mais importante de sua hipótese, J. Böttiger faz-nos ver de maneira minuciosa que a cena na referida tapeçaria é essencialmente estática, apesar da impressão de movimento que pretende dar. Além disso ela oferece-nos uma mistura de elementos exóticos da África e da Índia com elementos europeus, copiados do ambiente da altura. Se a figura barbada for Vasco da Gama (conjectura de que L. Keil discorda) até teríamos a representação dum cortejo preparado em sua honra, no qual ele próprio figurava como herói, tal como aconteceu, por exemplo, com Henrique de França em Paris. O artista que esboçou a série pode ter sido um dos flamengos que então trabalhavam em Portugal (não excluindo a sua participação numa das expedições da altura) ou um dos portugueses que andavam na Flandres. Estes esboços pequenos foram provavelmente ampliados e completados na própria oficina, tendo a liberdade relativa de que dispunham o autor dos cartões e o tapeceiro originado as variantes destes temas. Uma fonte de detalhes extra-europeus pode ter sido a feitoria portuguesa de Antuérpia.

Relacionada com esta corrente exótica na tapeçaria está também a *série de D. João de Castro* que se encontra em Viena, e que foi citada em Portugal no início deste século no intuito de ilustrar o desleixo das autoridades para com o património nacional. Todavia, temos que esperar mais vinte anos até encontrar o primeiro estudo sério dedicado a estas dez magníficas tapeçarias de Bruxelas<sup>30</sup>. Apoiando-se nas escritas de Gaspar Correia, Diogo de Couto e Jacinto Freire de Andrade, Luís Keil rectifica a classificação no catálogo do Kunsthistorisches Museum, modificando a descrição e numeração das peças, corrigindo erros nas legendas das próprias tapeçarias. A figura central das façanhas que aparecem em segundo plano nos panos é D. João de Castro, governador da Índia, que nasceu em 1500 e morreu em 1548, pouco depois de ter sido nomeado vice-rei. Os feitos relatados datam de 1546-1547 e Keil estabeleceu esta ordem nas tapeçarias: I: Segundo Cerco de Diu; II a V: Cortejo Triunfal em Goa; VI a IX Campanhas contra Haidão (Ponda, Dabul, Salsete e Morgao); X: Regresso a Goa. Quem

---

30 KEIL, Luís.— *As tapeçarias de D. João de Castro*, Lisboa, 1928.

terá sido a pessoa que encomendou estas peças e como é que chegaram a Viena? — Keil tem que deixar em aberto estas questões. No entanto, está convencido que a encomenda não veio de Portugal e que estas tapeçarias nunca estiveram cá. A sua convicção baseia-se nos factos seguintes: Para o estrangeiro apontam os erros flagrantes nas legendas, demasiado óbvios para um português dos meados do séc. XVI; não existe nenhuma referência a estas tapeçarias em Portugal e um conjunto de tantas peças, de fabrico excelente, duma riqueza extraordinária de matéria prima, relacionado com uma personagem tão célebre da história nacional, não passaria despercebido. Aliás, se tivessem permanecido em Portugal, não estariam hoje no magnífico estado de conservação em que se encontram, visto que os metais preciosos utilizados estão sujeitos a oxidação, devido à proximidade do mar.

Consciente de que por enquanto faltam elementos confirmativos para sua tese, L. Keil pergunta se porventura o grande colecionador Fernando, arquiduque do Tirol (1529-1595), não estará ligado à origem desta série? Os sucessos do segundo cerco de Diu eram conhecidos na Europa toda e a figura de D. João de Castro tinha-se tornado muito célebre. D. João III mandou cartas anunciando a vitória aos príncipes da altura; Damião de Gois publicou em Lovaina «De Bello Cambaico ultimo comment» (1548) e Diogo de Teive em Coimbra «Comment. de rebus gentis in índia ad Dium» (1548). A inspiração dos cartões não terá vindo da relação de Gaspar Correia (1551) ou até dum desenho dele, já que tinha «entendimento em debuxar»?

Em 1956 A. Faria de Moraes volta a examinar — com olhos de militar e historiador — estas enigmáticas tapeçarias, realçando o facto de esta vitória ter assegurado à Europa o livre acesso a todas as vias marítimas e ter afastado o perigo muçulmano. Comparando as tapeçarias com as escritas acima mencionadas o autor aceita as rectificações que foram feitas, concordando também com Keil, quando este diz que a encomenda não deve ter sido feita por um português e acrescentando ainda outros argumentos. Trata-se de dez tapeçarias caríssimas que não condizem com a situação financeira de Portugal naquela altura. As cenas históricas estão esboçadas no fundo e, apesar da sua fidelidade, é preciso perspicácia para as identificar. A figura de D. João de Castro não ocupa o lugar de destaque, a que tem direito, dominando muitas vezes o primeiro plano figuras de fantasia, que parecem não estar ligadas

às cenas de fundo. Estranha é também a falta de cortejo naval, tão querido dos portugueses. Por causa de tudo isso, Morais prefere não incluir estas tapeçarias no grupo das nacionais mas sim na grande voga das exóticas a partir das proezas portuguesas<sup>31</sup>.

Entretanto, a marca do tapeceiro, que figura também noutras tapeçarias da antiga casa imperial da Áustria, tinha sido identificada pela especialista belga Crick-Kuntziger como sendo de Henri de Neve. Este tapeceiro nasceu à volta de 1577 e é capaz de ter dirigido oficina própria a partir do início do séc. XVII. Este facto novo complica o assunto, visto que a técnica e o estilo das tapeçarias pertencem ao séc. XVI.

Faria de Morais acha provável que se trate, pelo menos em parte, de réplicas de cartões antigos conservados, tecidas quando a recordação dos feitos de João de Castro já estava parcialmente apagada. Isso explicaria também os erros das legendas. O autor pensa que a série não está completa e que, com o decorrer dos anos, originais e réplicas se confundiram numa só colecção. De entre os príncipes daquela época, com meios e interesse suficientes para uma compra destas, ele aponta para Alberto de Áustria, neto de Carlos V, que foi vice-rei de Portugal de 1583 a 1598, data em que foi para os Países Baixos Espanhóis. Alberto de Áustria tinha ao seu serviço em Portugal o tapeceiro flamengo Herman Vermeiren, que parece ter participado em duas viagens às índias. O artista acompanhou o arquiduque para Bruxelas, onde lhe tratou da instalação do palácio. E conhecem-se os laços dos Países Baixos do Sul com o outro ramo dos Habsburgos.

Quando, em 1964, Bruno Thomas se debruça sobre o panorama impressionante destes 43 metros de tapeçaria, foca em primeiro lugar o valor artístico da obra. Cheio de admiração sublinha o virtuosismo dos debuxos, a deslumbrante beleza das cores, a extraordinária riqueza da descrição, a bem construída composição e as molduras faustosas. Faz-nos ver o tratamento maneirista da forma, patente no paralelismo contrastante de primeiro e segundo planos, de gigantesco e minúsculo, de alegoria e realismo, de serenidade e movimento. O estilo, a técnica de tecelagem e as cores usadas correspondem inteiramente a meados do séc. XVI<sup>32</sup>.

---

31 MORAIS, A. FARIA de — *Les Tapisseries de D. João de Castro*, Lisboa, Bertrand, 1956. Tirage à part du «Bulletin des Études Portugaises», Lisboa, t. XIX.

32 THOMAS, Bruno—*As tapeçarias de D. João de Castro na Índia*, «Colóquio», Lisboa, No 29, Junho de 1964, p. 17-21.

O autor, que conhece o artigo de Keil mas não faz referências ao contributo de Faria de Moraes, tenta, por sua vez, desvendar alguns dos mistérios. Encontramos três dados novos. A discrepância entre as duas alturas, a criação das tapeçarias no séc. XVI e a actividade artística de Henri de Neve na primeira parte do séc. XVII, podem ser explicadas, supondo que o tapeceiro adoptou uma marca já existente. A série não pode ter sido encomendada pelo arquiduque Fernando II: nem na sua correspondência, nem no inventário das suas colecções, nem na descrição do seu espólio se encontra uma referência às tapeçarias Castro. Não terá tido um papel importante na realização desta obra o artista Pieter Coecke van Aelst (1502-1550)? O próprio Bruno Thomas adquiriu nos Países Baixos, em 1956, para o Museu de Arte de Viena um desenho a pena que foi identificado pelo especialista Otto Benesch como sendo de Pieter Coecke. Este representa uma cena central do cortejo de triunfo através de Goa! Sabe-se que este artista (arquitecto, escultor, pintor, desenhador) foi igualmente criador de tapeçarias. Sabe-se ainda que esteve na Turquia, participou provavelmente na campanha de Carlos V para a tomada de Tunis e contribuiu para a entrada triunfal de Filipe II em Antuérpia.

O quinto tema histórico tratado em tapeçarias que nos interessa, é precisamente a *Conquista de Tunis* em 1535, que acabámos de mencionar. Desta série conhecemos a génese toda. Sabemos que o pintor Jan Cornelisz. Vermeyen participou na campanha a convite do imperador, à semelhança do fotógrafo de guerra dos nossos dias. Dois contratos que Maria de Hungria fez em nome de seu irmão, Carlos V, chegaram até nós: o primeiro de 1546 com Vermeyen acerca dos cartões, o segundo de 1548 com o mestre tapeceiro, o célebre Willem de Pannemaker. Estas doze tapeçarias de lã e seda, com fios de ouro e prata, foram tecidas em Bruxelas entre 1548 e 1554. A correspondência trocada permite-nos seguir a sua execução. É mais extraordinário ainda: dez dos doze cartões foram conservados<sup>33</sup>.

Mas em que consiste então a ligação desta série com Portugal? Ela é tripla: o parentesco das casas reais de Espanha e de Portugal; a participação dos portugueses na Conquista; o facto de uma réplica, talvez parcial, ter existido em Portugal. Carlos V casou, como é de conhecimento geral, com Isabel de Portugal. (O pintor

---

33 Obra cit. na notai, p. 221-230,

Jan Vermeyen foi também convidado para o torneio que o imperador mandou organizar em Toledo em honra de Isabel). A Conquista de Tunis foi um empreendimento multinacional em que participaram portugueses ilustres como D. Luís, irmão de D. João III; D. Afonso de Portugal; o próprio D. João de Castro, Rui Lourenço de Távora e D. Pedro de Mascarenhas — os três últimos mais tarde vice-reis da Índia. A réplica portuguesa desta armação pertenceu à Infanta D. Maria, filha de D. Manuel, que a deixou em testamento ao rei. «Custou 20.000 cruzados, onde faltam dois já feitos e pagos, que mandou vir de Flandres» informa R. dos Santos, citando Ribeiro. Estes panos figuraram em grandes solenidades ao longo dos séc. XVI e XVII. Também eles devem ter desaparecido no terramoto.

Pessoalmente estou tentada a incluir nesta relação, como sendo de interesse histórico apesar de não serem historiadas, as tapeçarias de armas ligadas a portugueses. Muito poucas foram conservadas. Em 1931 A. de Dornelas alerta para um leilão de Christie em Londres, onde figuram duas tapeçarias de interesse para Portugal<sup>34</sup>. Uma delas, de forma estreita e alongada, obviamente destinada a revestir um espaço bem definido, ostenta o brasão de armas da Casa real portuguesa e a esfera armilar. Estes estão implantados numa verdura com flores de tradição medieval e frutos de expressão renascentista<sup>35</sup>. O pano foi tecido em Bruxelas nos fins do primeiro quartel do séc. XVI. Em comemoração do centenário Henriquino foi oferecido pelos dirigentes dos Bancos de Lisboa para ser incorporado no património nacional. Hoje em dia esta tapeçaria encontra-se muito apropriadamente em Sintra. Todavia, a sua origem ainda não está esclarecida e o brasão constitui um problema para os heraldistas. De qualquer forma, conclui M. J. de Mendonça, foi uma encomenda de príncipes da Casa de Avis ou para eles destinada como oferta.

Existem ainda fragmentos de uma tapeçaria com armas de D. João V, encontrados nas arrecadações do Palácio Nacional da

---

<sup>34</sup> DORNELAS, Afonso de — *Uma tapeçaria portuguesa do tempo de D. Manuel I*, «Boletim da Academia das Ciências de Lisboa», Nova Série, Coimbra, Vol. III, Maio de 1931, p. 460-462.

<sup>35</sup> MENDONÇA, Maria José de — *Uma tapeçaria da época dos descobrimentos com as armas reais portuguesas*, Separata da Revista «Ocidente», Lisboa, Vol LX, 1961, Janeiro a Junho, p. 73-76.

Ajuda<sup>36</sup>, e comprou-se em 1948 uma tapeçaria com brasão de famílias portuguesas, tendo no centro o brasão dos Mascarenhas. Baseando-se num painel de azulejos da Quinta de Benfica, Jorge de Moser está convencido que este último pano foi destinado a D\* Fernando Mascarenhas, 2.º Marquês de Fronteira — mas mandado executar por seu pai, cerca de 1673, pelos mestres Auwerx e Leefdael de Bruxelas. O autor presume que pode ter sido um pano de alcova ou sobre-alcova<sup>37</sup>.

Assinalamos, para terminar esta enumeração, a existência de uma tapeçaria genealógica em que parece figurar D. Manuel. Também este pano foi leiloadado pela Christie em 1931<sup>38</sup>. Diz-se que foi tecido em Bruxelas, em 1512, por Pieter Van Aelst e destinado ao imperador Maximiliano.

Em 1984 tivemos o grande privilégio de admirar, no Museu de Arte Antiga em Lisboa, uma boa selecção das tapeçarias aqui mencionadas. Efectivamente, a XVIII Exposição Europeia de Arte, Ciências e Cultura juntou a tapeçaria de armas de D. Manuel (?); duas tapeçarias da Tomada de Arzila; duas tapeçarias da Conquista de Tunis; e várias tapeçarias das índias, provenientes de Estocolmo, do Caramulo e da Fundação Espírito Santo de Lisboa.

Que num país com um passado tão rico e onde a consciência disso continua viva, o interesse se tenha voltado em primeiro lugar para as tapeçarias históricas, é normal. Mas muito naturalmente cresceu ao mesmo tempo o interesse pelas tapeçarias em geral. Isso reflete-se em estudos, catalogações, restauros e compras.

Neste domínio assistimos a um fenómeno conhecido: o que principia quase como um «hobby» de amadores evolui para uma ciência praticada por especialistas. Como exemplo da primeira atitude podemos mencionar a actuação de João Taborda, que publicou em 1910 um artigo com o título relevante «Ocios de um

---

<sup>36</sup> MENDONÇA, Maria José de — *Relação dos panos de raz existentes nas colecções do Estado*, «Boletim da Academia Nacional de Belas Artes», Lisboa, No VII, 1940, p. 33 (c).

<sup>37</sup> MOSER, Jorge de — *Acerca de uma tapeçaria*, «Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga», Lisboa, Vol. I, No 4, 1949, p. 177-202.

<sup>38</sup> DORNELAS, Afonso de — *Uma tapeçaria onde figura o rei de Portugal D. Manuel I*, «Boletim da Academia das Ciências de Lisboa», Nova Série, Coimbra, Vol. III, Maio de 1931, p. 536-541.

bacharel»<sup>39</sup>. Como representante da ciência funciona Maria José de Mendonça, que já nos anos 1937-1938 se foi familiarizando com as tapeçarias do Museu das Janelas Verdes, a mais numerosa das Coleções do Estado, e que em 1939 publicou a sua relação<sup>40</sup>. Em seguida destacou deste conjunto a armação de Marco Aurélio, exemplar flamengo dos meados do séc. XVII. Não por ser dos melhores panos do Museu de Arte Antiga em Lisboa (a autora, apesar de apreciar a cercadura, acha a série um espécime de fabrico inferior e de valor decorativo medíocre), mas por ter conseguido dados importantes acerca da Casa Wauters de Antuérpia e do artista Abraham van Diepenbeeck. Ela própria estabeleceu a ligação entre os temas da armação e a obra quinhentista «O Libro Áureo de Marco Aurélio Emperador» de Fr. António de Guevara, cronista de Carlos V de Espanha. Este livro ficou muito popular durante séculos e parece ter tido uma influência desmedida<sup>41</sup>.

Em 1940 M. J. de Mendonça publica a sua «Relação dos panos de raz existentes nas colecções do estado», resumo do seu inventário, subsidiado pelo Instituto para a Alta Cultura. Nesse inventário, ordenado por épocas de fabrico, a autora constata que o grupo mais importante é constituído pelos panos flamengos, na grande maioria de origem bruxelense. As melhores peças datam do séc. XVI. As tapeçarias do séc. XVII são, na generalidade, de fabrico secundário, sendo os panos do séc. XVIII nitidamente superiores a estes<sup>42</sup>.

Desde estes primeiros trabalhos M. J. de Mendonça revelou características de verdadeira investigadora, sendo uma delas a prudência. Ao contrário de predecessores e certos contemporâneos no domínio das artes, que se precipitaram com identificações e atribuições, prefere deixar lacunas e pontos de interrogação, sempre que não tem dados suficientes. Ao longo da sua carreira foi apurando e completando os dados desta sua primeira recolha. O inventário que assim elaborou foi publicado recentemente pelo

---

<sup>39</sup> TABORDA, João — *O cios de um bacharel*, «Diário de Notícias», 23 de Março de 1910, p. 1.

<sup>40</sup> MENDONÇA, Maria José de — *A colecção de tapeçarias do Museu de Janelas Verdes*. «Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga», Lisboa, Vol. I, No 1, 1939, p. 25-32.

<sup>41</sup> IDEM, — *As tapeçarias da História de Marco Aurélio*, «Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga», Lisboa, Vol. I, No 2, 1939, p. 57-67.

<sup>42</sup> IDEM — *Relação dos panos de raz existentes nas colecções do Estado* «Boletim da Academia Nacional de Belas Artes», Lisboa, No VII, VII, 1940, p. 30-41.

Instituto Português do Património Cultural <sup>43</sup>. Na «Apresentação» Natália Correia Guedes escreve: «Publicar um livro cujo manuscrito se tenha conservado inédito durante décadas é correr grande risco, só aceitável quando se trata de um «clássico» propositadamente esquecido na gaveta pelo autor exigente. De facto, o «Inventário» que agora se publica é fundamental para o estudo da Tapeçaria em Portugal, sendo esta edição a primeira que reúne todas as espécies das colecções nacionais». Depois assinala as alterações feitas ao texto original — com o acordo tácito da autora — e o seu porquê. Assim suprimiram-se títulos, sempre que para aqueles não houvesse qualquer indicação; actualizou-se a ortografia; suprimiu-se a referência a «clichés»; completou-se o texto com ilustrações; incluiu-se a indicação dum eventual restauro e alterou-se a descrição, adoptando como ponto de referência o observador olhando de frente para a peça.

Foi com apoio neste inventário que elaborámos a lista das tapeçarias flamengas pertencentes ao Estado português. No entanto, não vamos copiar todos os dados técnicos: o leitor interessado poderá consultar o livro acima citado onde encontrará os seguintes elementos, sempre que houver indicações para isso: Número de panos, Estilo e Época, Origem do fabrico, Oficina, Debuxo, Marcas, Matéria, Textura, Dimensões, Descrição da composição, Cercadura, Policromia, Estado de conservação, História do espécimen, Bibliografia, Observações e Restauro.

Trata-se de um desfile de figuras bíblicas, históricas, alegóricas e mitológicas. Dominam os tons vermelhos, azuis e amarelos. Os panos pertenceram essencialmente a catedrais, antigos paços episcopais, conventos, palácios e ministérios, tendo sido gradualmente incorporados nos bens do Estado a seguir à implantação da República. Alguns foram comprados mais tarde. Uma ou outra vez ignora-se a sua proveniência.

No «Inventário» que acaba de sair optou-se por um agrupamento de panos de acordo com o seu paradeiro, mas organizou-se no fim um índice de origem de fabrico e assuntos representados. A maior parte das vezes estes panos podem ser admirados em

---

<sup>43</sup> IDEM — *Inventário de tapeçarias existentes em museus e palácios nacionais*, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, 1983. Infelizmente esta publicação contém um sem número de erros ortográficos e outros! Oxalá que sejam corrigidos numa eventual segunda edição.

ambientes arquitectónicos e históricos de grande valor e por entre paisagens maravilhosas.

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA em Lisboa:

*Assuero entrega o anel a Mardoqueu*: um pano; renascimento flamengo-italiano— 2.º quartel do séc. XVI; Bruxelas; oficina de Marc Crétif; no estilo de Giulio Romano; marcas de Marc Crétif; lã e seda; sete fios de urdidura p/cm; A 3,52xL 3,25m.

*História de Marco Aurélio*: seis panos e dois fragmentos de dois panos; barroco flamengo — meados do séc. XVII; Antuérpia; oficina de Michel Wauters; debuxo de Abraham van Diepenbeek; marca de Michel Wauters em dois panos; lã e seda; sete fios p/cm.

— *Coronatio M. Aurelii*: 3,08x3,25m.

— *Processio Marci Aurelii*: 3,06x4,00m

— *Cones Hausto Fontem Expirant*: 3,06x1,75m

— *M. A. Aegroto Studium Philosopis Disuadent*: 3,06x4,26m

— *Mar cus Aurelius Reprehendit Faustinam*: 3,06x3,10m

— *Praelium M. Aurelii*: 3,06x4,50m

— *Fragmento*: 3,06x1,43m

— *Fragmento*: 3,06x1,42m

*As cinco Partes do Mundo*: cinco panos; barroco flamengo — 1690; Oudenaarde; oficina de Alexander Baert I, variante dos debuxos de Louis van Schoor; s/m; lã e seda; oito fios p/cm

— *Europa*: 2,60x4,75m

— *Ásia*: 2,66x3,84+0,98m

— *África*: 2,64x2,62m

— *América*: 2,60x4,50m

— *Austrália*: 2,64x2,62m

*As Potências que governam o mundo — A Abundância*: um pano; barroco flamengo — fins do séc. XVII; Oudenaarde; oficina de Alexander Baert I; debuxo de Louis van Schoor; s/m; lã e seda; oito fios p/cm; 2,66x1,27m

*Metamorfoses de Ovídio*: dois panos; barroco flamengo — fins do séc. XVII; Oudenaarde; oficina de Alexander Baert I; no estilo de Louis van Schoor; s/m; lã e seda; oito fios p/cm

— *O Corvo revela a Apoio a Infidelidade de Coronis*: 2,23x1,44m

— *Mercúrio e Aglaure*: 2,23x0,99m

*Paisagem com duas figuras alegóricas*: um pano; barroco

flamengo — fins do séc. XVII; Oudenaarde; oficina de Alexander Baert I, no estilo de Louis van Schoor; s/m; lã e seda; oito fios p/cm; 2,23x0,99m

*Fragmentos de tapeçarias com figuras sobre fundo de paisagem:* dois; barroco flamengo — fins do séc. XVII, fabrico flamengo (?); s/m; lã e seda; sete fios p/cm; 1,05x1,95; 1,07x1,74m

*História de Alexandre:* três panos; barroco flamengo — séc. XVIII; dois segundo quadros de Charles Le Brun; s/m; nove fios p/cm

— *Alexandre acaba de domar Eucéfalos:* 3,48x3,70m

— *Batalha de Granico:* 3,30x5,93m

— *Alexandre e a família de Dario:* 3,35x4,07m

*Pórtico:* um pano; barroco flamengo — meados do séc. XVII; flamengo; lã e seda; seis fios p/cm; 3,35x2,55m

*Cercaduras de tapeçarias* (fragmentos); barroco flamengo — fins do séc. XVII; Antuérpia; no fragmento n.º 40 lê-se Antwerpex; lã e seda; oito fios p/cm; 4,70x0,50m; 4,97x0,50m; 4x0,50m; 3,08x0,50m; 1,94x0,50m; 4,13x0,60m; 2,23x0,46m; 2x0,46m; 2x0,46m; 0,54x1,77m

*Batismo de Cristo:* um pano; gótico — quinhentista flamengo — primeiro quarto do séc. XVI; Bruxelas; lã e seda; cinco fios p/cm; 2,60x1,75m.

*História de Helena* (fragmentos): quatro fragmentos; gótico—quinhentista flamengo—1.º quarto do séc. XVI; Bruxelas; s/m; lã e seda; oito fios p/cm; 1,98x1,42m; 1,60x2,95m; 1,70x1,70m; Casamento de Paris e Helena (fragmento): 0,96x1,72m

*Um Rei sentado no trono* (fragmento): um pano; gótico — quinhentista flamengo — primeiro terço do séc. XVI; Bruxelas; s/m; lã e seda; seis fios p/cm; 1,98x0,65m

*As Funções Militares:* quatro panos; barroco flamengo — séc. XVII/XVIII; Bruxelas; oficina de Jérôme Le Clerc e Gaspar van der Borghht (?); debuxo de L. de Hondt; num dos panos lê-se L. de Hondt Inv. Pinx.; lã e seda e fio metálico; nove fios p/cm

— *La Marche:* 3,16x4,05m

— *Pillage:* 3,09 X 3,36+0,70m

— *Renzontre:* 3,11 X 1,35+0,90m

— *Fachinade:* 3,11 X 1,42+0,31+0,92m

*Combate de Hércules com os Centauros:* um pano; renascimento flamengo — italiano— meados do séc. XVI; Bruxelas; estilo de Michel Coxeie; s/m; lã e seda; sete fios p/cm\*

MUSEU NACIONAL MACHADO DE CASTRO, em Coimbra:

*Vulcano surpreende Vénus com Marte*: um pano; renascimento flamengo — meados do séc. XVI; marcas desconhecidas; lã e seda; sete fios p/cm; 3,45x4,00m.

MUSEU DE LAMEGO:

*A Música*: um pano; pré-renascimento— L<sup>o</sup> terço do séc. XVI; Bruxelas; no estilo de Jan van Roome; s/m; lã e seda; sete fios p/cm; 4,30x6,50m.

*O Templo de Latona*: um pano; renascimento flamengo — 1.<sup>o</sup> terço do séc. XVI; Bruxelas; analogia de estilo com tapeçarias atribuídas a Barend van Orley; s/m; lã e seda; oito e sete fios p/cm; 4,30x3,90m.

*Episódio passado diante de um Rei e de uma Rainha*: um pano; renascimento flamengo — 1.<sup>o</sup> terço do séc. XVI; Bruxelas; analogia de estilo com tapeçarias atribuídas a Barend van Orley; s/m; lã e seda; sete e seis fios p/cm; 4,05x4,58m.

*História de Édipo*: três panos; renascimento flamengo — 1.<sup>o</sup> terço do séc. XVI, Bruxelas, analogias de estilo com tapeçarias atribuídas a Barend van Orley; s/m; lã e seda; sete e seis fios p/cm.

— *Laio consulta o oráculo*: 4,15x6,55m.

— *Édipo em Tebas*: 4,12x4,30m.

— *Édipo e a Rainha locaste*: 4,15x4,17m.

MUSEU FRANCISCO TAVARES PROENÇA em Castelo Branco:

*História de Lot*: um pano; renascimento flamengo—fins do séc. XVI; Bruxelas; s/m; lã e seda; oito e sete fios p/cm; 2,60x3,50m.

*Ciro liberta os Hebreus*: um pano; renascimento flamengo — fins do séc. XVI; Bruxelas; s/m; lã e seda; oito e sete fios p/cm; 2,60x3,50m.

*Episódios da História de Roma* (assuntos por identificar): dois panos; renascimento flamengo — fins do séc. XVI; Oude-naarde (?); s/m; lã e seda; oito e sete fios p/cm; 2,60x4,50m; 2,60x4,50m.

## PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA, em Lisboa:

*História de Aquiles*: seis panos; barroco flamengo — 1720. - 1765; Bruxelas; oficina dos van der Borgh; debuxo de Jan van Orley; um pano com B-B F.V.D. Borgh; lã e seda; oito e sete fios p/cm.

— *Tétis mergulha Aquiles nas águas do Stix*: 3,15x1,49m.

— *Rapto de Helena*: 3,15x0,78m.

— *Ulisses descobre Aquiles entre as filhas de Lycomedes*: 3,15x4,68m.

— *Aquiles arrasta o cadáver de Heitor para o acampamento grego*: 3,15x1,35m.

— *Entre-janela*: 3,15 x0,79m.

— *Entre-janela*: 3,15x0,74m.

*Triunfos dos Deuses*: dois panos e um fragmento; barroco flamengo — primeira metade do séc. XVIII; Bruxelas; Jan van Orley; s/m; lã e seda; oito e sete fios p/cm.

— *Triunfo de Marte*: 4,07x3,88m.

— *Triunfo de Minerva*: 4,07x3,87+0,95m.

— *Triunfo de Apoio* (dois fragmentos): 4,07x0,95m.

## PALÁCIO NACIONAL DE MAFRA:

*Alexandre recebe Thalestris Rainha das Amazonas*: um pano; barroco flamengo — segunda metade do séc. XVIII; Bruxelas; oficina de Jan Leyniers (+1686); B (escudo) B I. Leyniers; lã e seda; dez e nove fios p/cm; 4,12x4,84m.

## PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA:

*História de Júlio César* (assunto por identificar): um pano; renascimento flamengo — séc. XVI; Bruxelas; s/m; lã e seda; oito e sete fios p/cm.

## EMBAIXADA DE PORTUGAL em Londres:

*Triunfo de Baco*: 4,52x3,78 m (A tapeçaria faz parte da série dos «Triunfos dos Deuses» existente no Palácio Nacional da Ajuda, tendo pertencido à mesma colecção.)

PALÁCIO DOS DUQUES DE BRAGANÇA, em Vila Viçosa:

*Deposição da Cruz*: um pano; renascimento flamengo— meados do séc. XVI; Bruxelas; debuxo segundo Barend van Orley; s/m; lã, seda e ouro; sete fios p/cm; 1,92x1,92m.

*Triunfo da Fé* (fragmento) da série dos «Triunfos do SS. Sacramento»: um pano; barroco flamengo — primeira metade do séc. XVII; Bruxelas; debuxo segundo Rubens; s/m; lã e seda; oito e sete fios p/cm; 3,81 x2,84m.

*História de Ciro* (?): um pano; transição do renascimento para o barroco — primeira metade do séc. XVII; Bruxelas; marca desconhecida; lã e seda; oito e sete fios p/cm; 3,41x3,76m.

*História de Cadmus*: dois panos; barroco flamengo — meados do séc. XVII; flamengo (?); s/m; lã e seda; oito e sete fios p/cm.

— *Agenor ordena a Cadmus que parta em busca de Europa*: 3,35x3,08m.

— *Cadmus e Palas*: 3,28x3,15m.

#### SÉ DE LISBOA:

*Batalha de Farsália*: um pano; renascimento flamengo—segunda metade do séc. XVII; Bruxelas; lã e seda.

P. S. Apesar da origem diferente podia-se juntar a estas tapeçarias, por razões de estilo, a armação da História de Marco António e de Cleopatra: seis panos no Museu de Arte Antiga em Lisboa e um pano em Vila Viçosa.

Na ocasião da recolha nos anos 40 M. J. de Mendonça tinha notado o estado lastimoso da maior parte destes panos e, portanto, alertou para a necessidade urgente de tratamento. Além disso deu conselhos para uma melhor exposição ou para a reunião de exemplares duma mesma série mas dispersos por colecções diferentes. Continuando o seu trabalho esta autora indicou as limpezas e restauros indispensáveis <sup>44</sup>, argumentando todavia que um técnico estrangeiro devia vir a Portugal para fazer um exame e dar o

---

<sup>44</sup> IDEM — *Conservação das tapeçarias do Estado*, «Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga», Lisboa, VoL II, No 7, 1942, p. 121-135.

seu parecer, já que não havia especialista nacional. No início do século tinha havido restauros, mas apesar de bem intencionadas estas tentativas foram muito infelizes. Desta vez era preciso evitar amadorismos. Simplesmente, a altura não era propícia para isso: meteu-se a guerra e os anos difíceis do pós-guerra.

Por intermédio de M. J. de Mendonça e depois de contactos entre o Ministério da Educação Nacional português e a Administração Geral do Mobilier National da França veio, em Dezembro de 1950, Juliette Niclausse a Portugal. No fim do seu relatório esta especialista sugeriu a instalação em Portugal de uma oficina especializada nos restauros de têxteis e deu conselhos práticos para a sua realização. Vencidas as dificuldades de vária ordem o Museu de Arte Antiga contactou a senhora D. Maria José Taxinha, pessoa muito qualificada, que em 1955 foi fazer um estágio em Paris, acompanhada durante algum tempo pela própria conservadora encarregada da futura oficina de Lisboa. Esta oficina instalou-se no edifício do Instituto de Restauro José de Figueiredo, portanto anexo ao Museu de Arte Antiga<sup>45</sup>.

Em 1956 estava operacional e as primeiras tapeçarias a serem tratadas foram flamengas, nomeadamente a «Música», da colecção do Museu de Lamago, e um pano com as marcas de Bruxelas e do tapeceiro Frans van den Hecke, pertencente ao Museu de Arte Antiga de Lisboa.

Esta escolha não nos admira: «A Música» é considerada por M. J. de Mendonça como uma das tapeçarias mais valiosas do país. Já em 1946 ela tinha dedicado um estudo minucioso a esta representação renascentista dum tema medieval: o combate entre Vícios e Virtudes, alegoricamente representados como hostes inimigas em trajes da época mas com atributos de simbolismo complexo. No primeiro plano encontram-se cenas mundanas com a Música, que de acordo com um conceito antigo era considerada perigosa para a vida moral do homem, mas muito cultivada no Renascimento. Ao centro vê-se o debate, diante de Deus, da Justiça e da Verdade, que acusam o Homem, e da Misericórdia e da

---

<sup>45</sup> IDEM — *A oficina de beneficiamento de tapeçarias do Instituto de Restauro de Lisboa*, «Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga», Lisboa, Vol. III, No 2, 1956, p. 65<sup>TM</sup>m.

Paz, que o defendem. O pano é de fabrico bruxelês das primeiras décadas do séc. XVI <sup>46</sup>.

Quando recordamos o estado desta tapeçaria antes do restauro — cheia de pó e de caliça, com manchas de humidade e de tinta de óleo, cortada em três partes, e tendo sofrido restauros muito duvidosos — ficamos cheios de admiração pelo trabalho feito na Oficina de Têxteis. A seguir tratou-se dos outros panos do valioso núcleo de Lamego. M. J. Taxinha teve então a ideia duma exposição original no intuito de mostrar ao público os resultados de beneficiamento. Apresentou-se «Édipo e a Rainha Jocaste» ainda sem tratamento; «Édipo em Tebas» apenas com trabalhos de lavagem; e o pano «Laio consulta o oráculo», completamente restaurado. O interesse despertado foi tal, que se voltou a mostrar em pequenas exposições temporárias os trabalhos de restauro de têxteis importantes, sempre com a devida documentação. Todavia, a divisa da Oficina tem sido «procurar consolidar as peças de modo a interferir o menos possível no trabalho original» <sup>47</sup>.

Os restauros de Lisboa têm sido tão apreciados, que vieram pedidos de tratamento do estrangeiro. Nomeadamente os Museus Reais de Arte e História de Bruxelas não hesitaram em mandar o pequeno mas muito valioso pano franco-flamengo «Apresentação do Menino no Templo», de cerca de 1370 <sup>48</sup>. Neste momento porém a Oficina parece, por várias razões, dedicar os seus cuidados exclusivamente ao património português.

Devido ao interesse crescente pelas tapeçarias antigas o fundo existente em museus e palácios tem sido ampliado por várias compras. Já referimos as tapeçarias de armas da Casa de Avis e dos Mascarenhas por um lado e as tapeçarias à maneira da Índia por outro. Acrescentamos mais alguns panos, sem por isso afirmar que a lista esteja completa.

Assim o Museu de Arte Antiga de Lisboa comprou em 1949 a uma refugiada da guerra uma tapeçaria de Bruxelas com as mar-

---

<sup>46</sup> IDEM — *Uma tapeçaria dos vícios e das virtudes. A Música*, «Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga», Lisboa, Vol. I, No 1, 1946, p. 30-36.

<sup>47</sup> IDEM — *O restauro das tapeçarias do Museu de Lamego*, «Colóquio», Lisboa, No 26, 1963, p. 18-25.

<sup>48</sup> BEAUMONT, Maria Alice no Catálogo *Tapeçarias Antigas da Bélgica*, exposição organizada no Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, 1978.

cas de Jan Frans van den Hecke, datando do último quartel do século XVII. Esta representa a *Pesca* e faz talvez parte da série alegórica «As quatro Estações do Ano»<sup>49</sup>. Mede 3,48x3,28m e foi executada em lã e seda.

Nos anos de 1952-1953 João Couto comprou em Paris quatro panos da *História de Aquiles* para a Fundação da Casa de Bragança. Foram tecidos na oficina de Eggermans segundo cartões de Rubens. São «*Tétis e Vulcano*» (4,15x4,65m), «*Ulisses descobrindo Aquiles*» (4,10 X 5,20m), «*Briseis restituída a Aquiles*» (4,13x5,92m) e «*Morte de Aquiles*» (4,18x3,90m).

Para o restaurado paço dos Braganças em Guimarães compraram-se nove tapeçarias flamengas do séc. XVII. Cinco referem-se a *História do Cônsul Décio Mus*, tecidas por Jan Raes júnior de Bruxelas, segundo cartões de Rubens. As quatro outras representam episódios da *História de Scipião o Africano*. Estas últimas saíram da oficina de Andreas Van Den Dries ou Drieschen de Bruxelas. De acordo com o catálogo da sua exposição em 1958 estes dois conjuntos pertenceram em tempos a palácios ingleses<sup>50</sup>.

Falando em compras pode ser interessante comparar alguns preços de alturas diferentes:

— «O Combate de Hércules com os Centauros» do Museu Nacional de Arte Antiga foi adquirido em 1936 pelo Estado no leilão da Colecção Burnay pela quantia de 30.000 esc.

— «A História de Júlio César», pano do Palácio Nacional de Sintra, foi comprado em 1939 pelo Estado a Keil de Amaral pela quantia de 20.000 esc.

— O conjunto de cinco tapeçarias da «História do Cônsul Décio Mus» nos paços em Guimarães foi adquirido a «Antiquária» por 800.000 esc; o conjunto de quatro tapeçarias de «Scipião o Africano» por 600.000 esc.

— Duas tapeçarias de Bruxelas do séc. XVII com as dimensões de 4,00x5,85m foram leiloadas em 1963 por 105.000 esc.<sup>51</sup>

<sup>49</sup> M.N.C.G. — *Tapeçaria*, «Observador», Lisboa, Editorial Verbo, 26 de Janeiro de 1973, p. 37-38.

<sup>50</sup> Estes panos encontram-se descritos no *Catálogo da exposição de tapeçarias flamengas do século XVII e Retraio a óleo da rainha de Espanha Isabel de Bourbon*, Sociedade Nacional de Belas Artes, Dezembro de 1958.

<sup>51</sup> «Colóquio», Revista de Artes e Letras, Lisboa, No 24, Junho de 1963.

— Uma tapeçaria flamenga do séc. XVII da Colecção de Arthur Sandão (3,00x2,80m) foi vendida por 162.000 esc. num leilão em 1968<sup>52</sup>.

Um antiquário entendido acha que uma bonita tapeçaria flamenga do séc. XVI vale agora 6.000.000 a 8.000.000 esc; um bom exemplar do séc. XVII aproximadamente 3.500.000 esc.

Mas é natural que também neste sector haja o jogo eterno da oferta e da procura por um lado, e modas com fluxos e refluxos por outro lado.

Em jeito de conclusão podemos dizer que a última palavra acerca das tapeçarias flamengas em Portugal ainda não está dita. Isso é obviamente um lugar comum, mas em concreto entendemos por isso o seguinte:

Primeiro: O livro extremamente importante de M. J. de Mendonça acerca das tapeçarias em colecções do Estado oferece ainda umas lacunas. Apesar de tanto esforço a autora não conseguiu certos dados sobre alguns panos estudados. E estranhámos não encontrar no seu «Inventário» vários panos adquiridos depois da recolha dos anos 40<sup>53</sup>.

Segundo: Como vimos, existem também tapeçarias flamengas em museus que não pertencem ao Estado. Aos panos já mencionados no nosso artigo acrescentamos mais alguns exemplos. A Gulbenkian orgulha-se da magnífica tapeçaria «*Vertumnus e Pomona*», uma peça pertencente a uma armação de nove, tecida em Btuxelas nos meados do séc. XVI para o imperador Carlos V e adquirida no Kunsthistorisch.es Museum de Viena<sup>54</sup>. A Casa Museu Guerra Junqueiro no Porto possui três panos: *duas cenas bíblicas*, inspiradas no Livro dos Reis, e uma *Verdura* com as marcas de Bruxelas, que mede 3,20x3,85m<sup>55</sup>.

Terceiro: Há também tapeçarias flamengas em casas privadas, mas essas são obviamente mais difíceis de estudar.

---

52 «Colóquio», Revista de Artes e Letras, Lisboa, No 48, Abril de 1968.

53 Mas alguns vêm mencionados na *Nota sobre as tapeçarias de Bruxelas em Portugal*, de M. J. de Mendonça, no catálogo *Tapeçarias Antigas da Bélgica*, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, 1978.

54 GUERREIRO, Glória — *Tapeçarias da Colecção Calouste Gulbenkian*, «Colóquio», Lisboa, No 41, 1966, p. 4-5.

<sup>55</sup> *Maison-Musée de Guerra Junqueiro. Guide du visitem*, Câmara Municipal do Porto, 1968, p. 43, 47, 48, 64, 65.

Quarto: É muito interessante inserir as tapeçarias num contexto mais amplo, visto que as artes se influenciam mutuamente. Vários autores já aproximaram a tapeçaria «O Baptismo de Cristo» de quadros existentes de primitivos flamengos. Moser identificou uma tapeçaria baseando-se em azulejos da Quinta de Benfica. No quarto de D. Carlos em Vila Viçosa encontram-se azulejos flamengos representando a «História de Tobias», um tema popular também tratado em tapeçaria e pintura. M. J. de Mendonça refere-se a obras literárias que inspiraram o tema de tapeçarias e mostra-nos como a própria composição da «Música» em dois planos aponta para o teatro medieval. (O inserido combate entre a Justiça e a Misericórdia lembra-nos a peça de Mariken van Nieumeghen). Um dos contributos mais importantes nesta área é a conferência «Affinités du polyptique de Nuno Gonçalves avec des tapisseries et fresques du duche de Bourgogne» de M. J. de Mendonça<sup>56</sup>.

Quinto: Nas últimas décadas publicaram-se na Bélgica novos contributos para a história da tapeçaria flamenga. Eu ficaria admirada se não houvesse aí referências a Portugal.

Faço votos para que algum dia um especialista volte a debruçar-se sobre este tema e lhe dedique uma monografia mais completa e profusamente ilustrada!

Não podemos todavia terminar este artigo sem uma palavra de homenagem à Doutora Maria José de Mendonça, que dedicou tanto tempo, tanta energia e tanta erudição às tapeçarias em geral e às tapeçarias flamengas em particular.

---

<sup>56</sup> MENDONÇA, Maria José de — *Affinités du polyptique de Nuno Gonçalves avec des tapisseries et fresques du duche de Bourgogne*, Lisboa, 1954. (Extrait du XVI Congrès International d'Histoire de l'Art, Vol. II, Lisbonne-Porto, 1949).